

# REVISITANDO OS BALCÃS NO CENTENÁRIO

Danilo Šarenac

Quando as canhoneiras da frota do Danúbio bombardearam Belgrado, na noite de 28 de julho, o estado de guerra entre a Áustria-Hungria e a Sérvia tornou-se uma realidade palpável. Estes primeiros tiros foram apenas disparados a alvos militares tais como os quartéis das unidades sérvias na fortaleza de Kalemegdan. Também caíam granadas no telégrafo militar sem fios situado na colina vizinha. No entanto, várias áreas residenciais também foram seriamente danificadas, incluindo o edifício da Universidade de Belgrado. Assim, este primeiro ato de guerra teve, para além do seu carácter militar, um papel psicológico e punitivo.

Designadamente, desde 1908 e da crescente deterioração das relações servo-austriacas, muitos entre a elite de Habsburgo viam cada vez mais Belgrado e a Sérvia como uma espécie de ninho de revolucionários, abrigo seguro para terroristas e vários aventureiros cujo único sonho era perturbar a paz na região e pôr em perigo as possessões dos Habsburgo.<sup>1</sup> Esta imagem simplificada do Reino Sérvio como um estado vilão sobreviveu para reaparecer em alguns dos livros mais populares que marcam o primeiro centenário da Grande Guerra. Em primeiro lugar, está o livro *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914* (2012) do Professor de Cambridge Christopher Clark. Há, também, o livro intitulado *The War that Ended Peace* (2014), escrito pela Professora de Oxford Margaret MacMillan. À medida que surgiam na imprensa de Belgrado os primeiros excertos e resumos, foi crescendo um medo do

## RESUMO

Este artigo trata do ressurgimento dos estereótipos relacionados com os Balcãs por ocasião do primeiro centenário da Grande Guerra. Dois livros publicados recentemente, e que se tornaram bestsellers, deram origem a fortes críticas na opinião pública sérvia – Christopher Clark, *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914* (2012) e Margaret MacMillan, *The War that Ended Peace: the Road to 1914* (2014). Por um lado, as obras tratam de vários tópicos complexos da história dos Balcãs em termos simplistas. Por outro, temos as noções antigas de vitimização, assim como as teorias da conspiração sugeridas por uma série de representantes da cena pública sérvia. Além disto, ambos destacam as guerras jugoslavas dos anos noventa, na sua interpretação de 1914. Consequentemente, este caso alerta para o facto de que o Primeiro Centenário da Grande Guerra oferece uma margem larga para mal-entendidos, em vez de diálogo construtivo.

Palavras-chave: I Guerra Mundial, Sérvia, Christopher Clark, Margaret MacMillan

## ABSTRACT

REVISITING THE BALKANS  
FOR THE CENTENARY



The article deals with the reappearance of the Balkan stereotypes on the occasion of the first centenary of the Great War. Two recently published books which became bestsellers created much criticism in Serbian public opinion. Those are the works of professors Christopher Clark *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*, (2012) and Margaret MacMillan's *The War that Ended Peace: the Road to 1914* (2014). The books referred to many complex topics from the Balkan history in simplifying terms. On the other side the old images of "victimhood" as well as "conspiracy theories" were put forward by several representatives of the Serbian public scene. Besides, both sides referred to the 1990s Yugoslav wars when interpreting the 1914. Consequently, this case warns that the First Centenary of the Great War displays great potential for creating misunderstanding instead of constructive dialog.

Keywords: I World War, Serbia, Christopher Clark, Margaret MacMillan

foram tidos como praticamente idênticos às ações da Al Qaida na viragem do século XX. Naturalmente, como Gravilo Princip foi honrado com nomes de ruas e de escolas primárias em quase todas as cidades da Sérvia e da *Republika Srpska*, esta nova interpretação provocou grande ira nestas zonas dos Balcãs.

O que é importante frisar é que, por detrás dos grandes argumentos e interpretação observados em *The Sleepwalkers* e em *The War that Ended Peace*, a imagem dos Balcãs foi, em vários aspetos, enquadrada nas antigas presunções de violência interminável e de atraso. A resposta do público sérvio a estas recentes interpretações do passado inscreveu-se, sobretudo, na narrativa da vitimização e na linha da teoria da conspiração, segundo a qual algumas forças malévolas decidiram culpar a Sérvia pela deflagração da Grande Guerra. Para além disso, esta reação foi seguida de uma notória falta de qualquer resposta académica adequada às afirmações dos dois autores. O interessante nisto é que ambos os lados partilham um aspeto nas suas interpretações mutuamente opostas – associam as guerras da dissolução da Jugoslávia, nos anos noventa, com a interpretação da Primeira Guerra Mundial. Os tópicos quentes de *The Sleepwalkers* foram ainda mais vulgarizados por vários *media* europeus. As duas abordagens mencionadas põem, assim, em risco, o Primeiro Centenário enquanto oportunidade de desenvolver o entendimento mútuo e aumentar o conhecimento comum. Na realidade, está a acontecer exatamente o oposto, dado que o risco de mal-entendidos e de insinuações de xenofobia aumenta à medida que se aproximam as datas significativas de junho, julho e agosto.

revisão histórico, e esta ideia foi ganhando cada vez mais espaço nos *media*. Assim, grande parte do período entre 2013 e 2014, na Sérvia, foi passado a considerar, a debater e a confrontar os argumentos apresentados pelos dois autores mencionados. No âmago desta inquietação estava o argumento, sugerido pelos dois autores anglófonos, de que o governo sérvio não só sabia do plano do assassinato, em Sarajevo, do herdeiro do trono austro-húngaro, como também manipulou as Grandes Potências para o conflito – logo, o comportamento ferozmente expansionista da Sérvia tem uma responsabilidade considerável nos desenvolvimentos que conduzem à deflagração da Primeira Guerra Mundial.

Para além disso, surgiu a questão específica dos atos levados a cabo pelos membros da organização revolucionária denominada *Jovem Bósnia*. Os Professores Clark e MacMillan classificaram esta organização de terrorista, na aceção mais contemporânea da palavra. Assim, os assassinatos levados a cabo por Gavrilo Princip, em 1914,

## **OS BALCÃS COMO «BARRIL DE PÓLVORA»**

O termo *Balcãs* ficou firmemente estabelecido, junto do público europeu, por volta de 1912-1913, ou no período da Primeira Guerra Balcânica. Este nome não só englobava as fronteiras geográficas, como também tinha uma conotação muito negativa. Designadamente, a região era vista como primitiva, perigosa, sem lei e, acima de tudo, violenta. Esta imagem foi criada depois de um fluxo contínuo de notícias perturbadoras que chegaram dos Balcãs à Europa Ocidental. Nomeadamente, desde o século XIX, em que os cristãos locais se envolveram em confrontos com representantes do Império Otomano em declínio e estavam a começar a impulsionar os seus próprios projetos nacionais com mais sucesso. Nestas histórias que chegavam da região da Europa do Sudeste, as histórias de assassínios, vinganças e represálias eram as que prevaleciam. A vida era retratada como não tendo valor, e a corrupção era vista como o elemento comum da vida quotidiana. Todos estes crimes aconteciam supostamente num ambiente de exótico orientalismo.<sup>2</sup>

A criação de tal imagem entrou em cena, sendo a primeira a morte violenta do casal real, o Rei Alexandre e a Rainha Draga. Um assassinato que teve lugar na noite de 28 para 29 de maio de 1903 (segundo o Calendário Juliano) representou um segmento especial na criação da imagem dos Balcãs como um sítio horrível para se estar. Nesse dia, um grupo de conspiradores, constituído maioritariamente por oficiais sérvios, entrou no palácio e matou brutalmente o rei Aleksandar Obrenović (1876-1903) e a sua mulher, a Rainha Draga Mašin (1864-1903). O facto de os corpos dos monarcas mortos terem sido esquartejados e defenestrados horrorizou especialmente a opinião pública europeia. Além disso, a resposta diplomática britânica foi a mais severa, tendo as relações diplomáticas com o Reino da Sérvia sido suspensas durante quase dois anos. Só se trocaram embaixadores depois de um grupo dos principais participantes do golpe ter aceite afastar-se, como a Grã-Bretanha tinha previamente insistido.

Mais tarde, os novos reinos balcânicos independentes eram geralmente descritos como subdesenvolvidos e problemáticos sob vários aspetos. Mas o novo material negativo a influenciar o tratamento dado aos Balcãs chegou com as duas guerras balcânicas de 1912-1913. Estas guerras tiveram lugar entre exércitos regulares modernos, organizados de acordo com o modelo conceptualizado na Europa Ocidental e armado por fabricantes franceses e alemães; no entanto, as guerras balcânicas eram predominantemente entendidas como violência contra os civis muçulmanos e contra combatentes inimigos feitos prisioneiros. Para além disso, este tipo de ação independente dos estados locais, sem grande consulta das Grandes Potências, era vista como perigosa e desestabilizadora deste canto da Europa. Incontestavelmente, muitos crimes tiveram lugar durante 1912-1913; no entanto, muitos outros fenómenos que se seguiram a estas guerras foram negligenciados, apesar de terem diretamente antecipado muitas das questões que irão reaparecer na Primeira Guerra de 1914.<sup>3</sup>

Com o assassinato de Sarajevo de 1914, a imagem da região balcânica e especialmente da Sérvia parecia completamente formada aos olhos dos observadores ocidentais. O *Manchester Guardian* escreveu, em julho de 1914, que a Sérvia devia ser levada para o mar alto e imediatamente afundada.<sup>4</sup> As imagens do golpe de maio de 1903 foram lembradas, e o *Nation* escreveu que a dinastia Karađorđević devia toda a sua glória ao assassinato do monarca anterior da dinastia Obrenovi. Contudo, um estereótipo negativo rapidamente se tornou positivo, quando os sérvios se tornaram aliados da Entente. Designadamente, os jornais britânicos mudaram de opinião, e os sérvios foram instantaneamente apelidados de, entre outras coisas positivas, *aristocratas dos Balcãs*.<sup>5</sup>

Contudo, isto foi apenas uma breve pausa, e a história do atraso dos Balcãs sobreviveu mais ou menos até à Guerra Fria. Nessa altura, os estereótipos dos Balcãs estavam quase esquecidos. No entanto, com a brutalidade das guerras jugoslavas

COM O ASSASSINATO DE SARAJEVO DE 1914,  
A IMAGEM DA REGIÃO BALCÂNICA  
E ESPECIALMENTE DA SÉRVIA PARECIA  
COMPLETAMENTE FORMADA AOS OLHOS  
DOS OBSERVADORES OCIDENTAIS. CONTUDO,  
UM ESTEREÓTIPO NEGATIVO RAPIDAMENTE  
SE TORNOU POSITIVO, QUANDO OS SÉRVIOS  
SE TORNARAM ALIADOS DA ENTENTE.

«tornou-se difícil encontrar alguém no Ocidente que pudesse dizer uma palavra simpática acerca dos Balcãs», como observou Mark Mazower.<sup>6</sup> De facto, os horrores dos anos noventa, no anterior estado dos Eslavos do Sul, representou uma oportunidade perfeita para o renascimento do mito do «barril de pólvora». O território foi de novo descrito como uma semente de discórdia e, acima de tudo, como uma

região explosiva. Um especialista britânico dos Balcãs, com origem sérvia e vivendo no Reino Unido, o Professor Stevan Pavlović, acrescentou que estes rótulos erróneos e arbitrários foram levados ao extremo nos anos noventa por «jornalistas arrogantes e diplomatas maliciosos ansiosos por provocar uma luta».<sup>7</sup>

Simultaneamente, a queda do comunismo deixou outros estados Balcânicos a debater-se contra o renascimento de qualificações semelhantes. Como forma de resposta a este tratamento dos Balcãs, vários cientistas eminentes decidiram analisar a correlação entre a realidade e a perceção dos Balcãs. Sem dúvida que, depois do trabalho inovador da cientista búlgara Maria Todorova, muitas coisas começaram a mudar. No seu livro *Imagining the Balkans* (1997) ela introduziu o termo «balcanismo», o que implica a existência de um discurso peculiar criador de estereótipos.<sup>8</sup> Este livro inspirou vários outros autores, e produziu finalmente uma base muito sólida para reavaliar o relacionamento do Ocidente com os Balcãs.<sup>9</sup> É, por isso, mais dececionante ainda que, anos depois destas conquistas, tanto o mundo académico como o público em geral estejam de novo apanhados numa teia semelhante de grosseiros estereótipos, desencadeados pela aproximação do centenário da Grande Guerra.

## OS ANIVERSÁRIOS DA GRANDE GUERRA

As datas significativas de 1914 estão agora a ressurgir em 2014, e os Balcãs estão a ser revisitados com energia e interesse renovados. Não é possível deixar de mencionar esta região, e especialmente a Sérvia, quando se fala do assassinato de Sarajevo e a subsequente crise de julho. Estes marcos incluem o assassinato de 28 de junho, o ultimato austro-húngaro entregue ao governo sérvio em 23 de julho, e a subsequente resposta sérvia a este documento, dois dias depois. Por fim, veio a declaração de guerra à Sérvia a 28 de julho.<sup>10</sup> No entanto, isto apenas significava uma guerra local nos Balcãs, embora, em retrospectiva, os tiros do monitor Habsburgo *Bodrog* tenham sido, efetivamente, os primeiros disparos da guerra global.

Em comemorações anteriores da guerra, bem como em sínteses gerais da história do conflito, a Península Balcânica foi praticamente esquecida, uma vez que as operações bélicas massivas foram desencadeadas a Este e a Oeste. Contudo, neste teatro de guerra, embora as forças incluídas apresentassem, comparativamente, uma ínfima fração das forças envolvidas noutros locais, os choques e as tensões dos vários estados balcânicos eram absolutos no seu caráter.<sup>11</sup> Em cada aniversário completo do início da guerra, o nome da Sérvia ressurgia. O papel do envolvimento oficial e, mais importante ainda, do envolvimento secreto da sociedade, no assassinato de Sarajevo de 1914, foi regularmente reavaliado. Geralmente, estes debates eram encarados com inquietação, não só durante o período dos governos monárquicos jugoslavos, como também nos tempos da Jugoslávia comunista de Tito. Nestes termos, a tese de Fritz Fischer (1961), bem como os seus desenvolvimentos subsequentes no debate científico interno alemão, foram observados com grande interesse pelo mundo académico jugoslavo.<sup>12</sup> Tendo isto inteiramente em mente, o tratamento dos tópicos balcânicos nos trabalhos dos Professores Clark e MacMillan não é assim tão inesperado. Em vários aspetos, a sua abordagem é baseada numa atualização da antiga tese segundo a qual a cumplicidade da Entente na deflagração da guerra está de novo sob escrutínio. Em causa está o atual renascimento da velha argumentação.<sup>13</sup> Contudo, parece que os Balcãs representam, em parte, um dano colateral desta mudança.

## A REVISÃO DA HISTÓRIA E OS BALCÃS

*The Spleepwalkers* começa com a descrição dos acontecimentos relacionados com o golpe de 1903 em Belgrado. Há bastantes detalhes sangrentos na descrição de Clark dos assassinatos do casal de monarcas, mas como os contemporâneos os descreveram da mesma maneira, é difícil contestar o autor nesta questão. No entanto, parece que os acontecimentos não são assim tão claros. Por exemplo, os conspiradores discutiram entre si como e por que razão fora ordenado que os cadáveres fossem atirados pela varanda. É provável que o pânico tivesse alastrado e que alguns dos líderes tivessem querido mostrar os cadáveres aos soldados, no exterior, que começavam a duvidar de todo o empreendimento.<sup>14</sup>

Ao colocar a revolução sérvia de maio no início do livro, a génese da Primeira Guerra é claramente posta no contexto da responsabilidade da Sérvia pela organização do assassinato de Sarajevo. É um facto que os homens que mataram o Rei e a Rainha colaboraram com Gravilo Princip e os seus amigos em 1914, mas a ligação era muito mais complexa e obscura do que o trabalho de Clark deixa entrever. Consequentemente, traçar qualquer tipo de linha reta entre 1903 e 1914 parece ser «esticar a corda». O retrato que *The Sleepwalkers* faz da Sérvia durante estes onze anos é bastante deprimente, na medida em que o país era visto como uma sociedade subdesenvolvida e militarista que sonhava apenas com a criação de uma Grande Sérvia e com a capitulação dos seus vizinhos<sup>15</sup>. Alude-se também ao papel considerável que as sociedades secretas terão desempenhado na Sérvia desse tempo. Por oposição, o domínio da Bósnia-Herzegovina pelos Habsburgos é descrito, em termos gerais, como progressivo e positivo<sup>16</sup>.

Ambos os autores, MacMillan e Clark, descreveram de forma soberba as complexidades internas da tomada de decisão na Grã-Bretanha, na Alemanha e na Áustria-Hungria. Contudo, no caso dos Balcãs e, em particular, da Sérvia, o quadro parece ser demasiado claro e linear. Que Sérvia era observável, depois do golpe? E as ligações ao assassinato de Sarajevo, em 1914, seriam assim tão lógicas e autoevidentes? É um facto, a relação entre o golpe de maio de 1903 e o assassinato, como Clark observa e bem, e como tem sido um tópicó tabu na historiografia sérvia durante muito tempo; mas a investigação recente tornou claro quão intrincada e repleta de nuances foi a relações entre os representantes civis e os militares depois de maio de 1903<sup>17</sup>.

Em primeiro lugar, o golpe foi liderado por um grupo de jovens oficiais sérvios apoiados por um círculo político apertado. Assim que o ato fatal foi perpetrado, os conspiradores transferiram a autoridade e o poder para a Assembleia Nacional, que restaurou a constituição liberal, denominada de «a belga». Adicionalmente, um novo rei foi eleito – Peter I da dinastia Karadjordjević. Veio imediatamente para Belgrado do seu exílio na Suíça e aceitou o trono. O Reino da Sérvia começou, assim, a sua experiência de onze anos com o sistema parlamentar (1903-1914). Conforme observou um jornalista, em 1906, a democracia sérvia era muito jovem e tinha muitos velhos inimigos. Talvez o maior problema que se colocava fosse a presença constante dos antigos conspiradores do exército no quotidiano da vida política – como enfatizado no *The Sleepwalkers*.

No entanto, persiste ainda, na historiografia sérvia, uma disparidade entre o trabalho académico sólido e os eventos históricos dramáticos que tiveram lugar durante esses onze anos. Foram anos de crise parlamentar, de consolidação do Estado e de esforços desesperados para abraçar a modernização<sup>18</sup>. Foi, para além disso, um período de confrontação aguerrida, tanto ostensiva como velada, entre o Primeiro-ministro sérvio, Nikola Pašić, e os seus opositores políticos, mas também com uma série de grupos de ex-conspiradores<sup>19</sup>. Esta década também se revelou formativa para as relações servo-austríacas e para a política externa, uma vez que esta se encontrava inextricavelmente ligada às disputas políticas sérvias já mencionadas. Não é exagerado afirmar que a

Sérvia estava à beira da guerra civil entre maio e junho de 1914, depois de anos de antagonismo entre as estruturas civis e militares. Isto era particularmente verdade em relação às regiões fronteiriças, em que os funcionários da alfândega e os agentes policiais se envolviam em confrontos diretos com os militares das unidades locais<sup>20</sup>. Não existem documentos que comprovem, para lá de qualquer dúvida, que o Primeiro-ministro sérvio, Nikola Pašić, “provavelmente tinha conhecimento do plano de assassinato”.<sup>21</sup> Ainda assim, ambos os académicos estão claramente convencidos de que ele estava ao corrente. No entanto, o contexto em que Gavrillo Princip atravessou a fronteira servo-austriaca, em junho de 1914, implica um quadro muito mais complexo.

De um ponto de vista estratégico, o país era habitado por 4.5 milhões de habitantes, dos quais 84 por cento viviam em zonas rurais. Os terrenos destinados à agricultura eram de pequena dimensão e não ofereciam excedente que pudesse ser vendido nos mercados. Cerca de 17000 operários estavam empregados em apenas 74 fábricas em funcionamento em 1914. A taxa de analfabetismo era de 77 por cento em 1900, e Belgrado era a capital com 90.000 domicílios [?] antes da Grande Guerra.<sup>22</sup> Tem atoda a aparência de um país atrasado, de acordo com as obras de MacMillan e Clark.

Contudo, há vários sinais que escapam a esta descrição. Por exemplo, é importante notar que estes eram camponeses livres, proprietários das parcelas de terra que cultivavam. Para além disto, quase todos os homens tinham direito de voto, comparando, por exemplo, com os 6 por cento dos cidadãos da parte húngara da monarquia dos Habsburgos. Ou, como escreveu Maria Todorova, 4/5 da população da Bósnia-Herzegovina estava sob alguma espécie de obrigação feudal, ao passo que os seus contemporâneos na Sérvia, na Croácia e na Hungria eram agricultores livres.<sup>23</sup>

Alguns sinais discretos eram também significativos. Por exemplo, a eletricidade generalizou-se e houve investimentos na construção de centrais elétricas em algumas das zonas mais remotas da Sérvia. Embora possam parecer medidas algo desesperadas, tratou-se, na realidade, de esforços audazes e deliberados no sentido de adotar a mais recente tecnologia<sup>24</sup>. Adicionalmente, a Sérvia assistiu, nesse período, ao aumento do número de professores, escritores, cientistas e artistas, produto de uma política duradoura que encorajava os estudos no estrangeiro, em universidades europeias prestigiadas<sup>25</sup>.

Por outro lado, Clark menciona, no seu prefácio, as guerras jugoslavas e o papel muito ativo dos sérvios nestes conflitos. Consequentemente, diz que, depois do cerco de Sarajevo (1992-1995) e do genocídio de Srebrenica, é difícil entender a população sérvia como meras vítimas de agressão por parte de potências maiores.<sup>26</sup> As analogias fazem parte do estilo do autor, mas de alguma forma aproximam-se

NÃO É EXAGERADO AFIRMAR QUE A SÉRVIA  
ESTAVA À BEIRA DA GUERRA CIVIL ENTRE  
MAIO E JUNHO DE 1914, DEPOIS DE ANOS DE  
ANTAGONISMO ENTRE AS ESTRUTURAS  
CIVIS E MILITARES.

demasiado de uma interpretação histórica. Por exemplo, Clark compara o ultimato de julho com o ultimato apresentado à delegação jugoslava na Conferência de Rambouillet, em 1999, durante o conflito do Kosovo e Metohhija.<sup>27</sup> Esta abordagem, embora refrescante no contexto da historiografia da crise de julho, prova ser enganadora, uma vez que introduz padrões contemporâneos nos valores e conceitos vigentes em 1914. O tópico que perturbou grandemente o público sérvio, em 2013, foi a comparação entre os revolucionários de 1914 e o esquadrão de bombistas suicidas da Al-Qaeda do século XXI. De forma semelhante à do Professor Clark, Margaret MacMillan comparou as ligações entre a *Jovem Bósnia* e a Sérvia à relação contemporânea entre o Irão e o Hezbollah.<sup>28</sup>

O tratamento dado aos membros da *Jovem Bósnia* pelos Professores Clark e MacMillan demonstra pouco interesse pelas suas motivações ou ideologia. Na verdade, tratava-se de uma organização bastante peculiar que não possuía qualquer espécie de estatutos ou programa escritos. Era mais uma rede flexível de vários círculos cujo único elo era o desejo de combater a ocupação austro-húngara da Bósnia e da Herzegovina e, posteriormente, de adotar uma espécie de unificação dos Eslavos do Sul. Tudo isto era muito indefinido e vago, já que estes revolucionários eram influenciados parcialmente pelas ideias de Giuseppe Mazzini e o seu *Jovem Itália* da década de 1830. Por outro lado, admiravam as obras dos escritores revolucionários russos, bem como alguns autores anarquistas e anticlericais. A sua obsessão com a literatura manifestava-se também nos seus trabalhos enquanto tradutores. Alguns dos assassinos encontravam-se, efetivamente, a meio de traduções de Edgar Allan Poe e Oscar Wilde, durante o mês de junho de 1914<sup>29</sup>. Assim, ver estes homens retratados como meros «nacionalistas fanáticos eslavos» parece, de alguma forma, redutor.<sup>30</sup> No entanto, a interpretação de MacMillan é muito clara. “É difícil não os comparar com grupos extremistas entre fundamentalistas islâmicos como a Al-Qaeda, um século mais tarde”.<sup>31</sup> Continua esta linha de pensamento, chamando-os de fanáticos, ferozmente puritanos no seu desprezo pelo álcool e pelo sexo. Menciona, também, que poucos, entre eles, tinham trabalhos estáveis, e que tinham desavenças com as suas famílias, das quais dependiam financeiramente<sup>32</sup>. Nesta perspetiva, a inspiração intelectual e as motivações sociais dos revolucionários são quase totalmente negligenciadas. E mais, alguns pontos carecem de sentido. Por exemplo, se, na verdade, contavam com os misteriosos “apoiantes da Sérvia”, como é afirmado no *War that Ended Peace*, porque viviam eles em extrema pobreza enquanto estudavam e viviam na Sérvia? Na Sérvia viam-se forçados, por exemplo, a vender os seus preciosos livros para comprar pão.<sup>33</sup>

No entanto, é um facto que dispararam alguns tiros nos bosques de Belgrado, com a ajuda de oficiais sérvios da sociedade *Mão Negra*. Tratava-se de uma organização que englobava a maioria dos principais conspiradores de 1903, mas afirmar que a Sérvia tinha campos de treino para terroristas, como faz Clark, é simplesmente erróneo.<sup>34</sup>

Para os designar de terroristas não seria adequado estabelecer o que o termo implicava no período de 1900-1914? Um termo com uma tal carga não deveria ser lançado para fora sem alguma espécie de explicação teórica básica. E mais, Gravilo Princip foi apelidado de «o nacionalista sérvio» em ambos os livros, embora se tenha declarado numa audiência em tribunal em Sarajevo como «o nacionalista jugoslavo». <sup>35</sup>

## A RESPOSTA SÉRVIA

A historiografia sérvia tem defendido unanimemente que os problemas nos Balcãs entre 1908 e 1914 não foram a causa da Grande Guerra, mas o seu pretexto externo mais direto. <sup>36</sup> O assassinato de junho é, frequentemente, explicado de forma demasiado lacónica pelo facto de o herdeiro ao trono austro-húngaro ter sido morto pelos cidadãos de Habsburgo. Embora factual, esta explicação é falsa em vários aspetos. Assim que os detalhes do tratamento dado à Sérvia por Christopher Clark chegaram aos jornais diários de Belgrado, a reação não se fez esperar.

Os argumentos que se ouviram no discurso público sérvio como reação aos escritos dos dois autores podem ser agrupados em várias categorias. Em primeiro lugar, foi dito que os escritos de Clark e MacMillan ofereciam uma continuação da propaganda ocidental anti-Sérvia que remontava a 1991.

De facto, esta linha de crítica é difícil de refutar. Este segmento do livro foi criticado até mesmo por autores com a reputação de críticos severos do nacionalismo sérvio de 1990, tais como o Professor Floran Bieber, que considerou o livro mais recente de Clark «pouco cuidadoso na ligação que faz da interpretação da Primeira Grande Guerra ao passado recente». <sup>37</sup>

O tratamento dos tópicos que tinham alguma espécie de relação com a Sérvia ou com os sérvios na Bósnia e na Herzegovina era visto como a «histeria anti-sérvia dos *media* dos nossos tempos». <sup>38</sup>

Aparentemente, o receio de uma imagem com mácula da nação Sérvia poderia ter consequências políticas diretas, especialmente na Bósnia-Herzegovina. Designadamente, a guerra de interpretações sobre o Assassinato de Sarajevo e a crise de julho é, sobretudo, a guerra das interpretações sobre o conflito da década de 1990. A dramaturga sérvia Biljana Srbljanovi também se referiu a este período, dizendo que a suscetibilidade do público sérvio ao *The Sleepwalkers* tem muito a ver com a interpretação e perceção, nos anos noventa, desta série de guerras jugoslavas na sérvia dos tempos modernos. <sup>39</sup>

Espalhou-se o receio de que os sérvios, vistos preponderantemente no Ocidente como os maiores culpados pelas atrocidades cometidas durante as guerras dos noventa, ficassem também marcados como os grandes culpados relativamente a 1914. Ou seja, vistos ao longo da história como «os rufias dos Balcãs, os quais, de tempos a tempos, aterrorizavam os seus vizinhos». <sup>40</sup> Esta interpretação alargou-se

A HISTORIOGRAFIA SÉRVIA TEM DEFENDIDO UNANIMEMENTE QUE OS PROBLEMAS NOS BALCÃS ENTRE 1908 E 1914 NÃO FORAM A CAUSA DA GRANDE GUERRA, MAS O SEU PRETEXTO EXTERNO MAIS DIRETO.

ao ponto de descrever a Sérvia como a nação desobediente que é agora alvo da colonização e pacificação por parte de forças estrangeiras. Vale a pena mencionar a tentativa de um advogado conhecido de Belgrado, que recomendou que a revisão da história devia ser combatida pela revisão do processo legal instaurado em 1914 contra Gavrilo Princip. Esta ideia foi acolhida por uma série de figuras da cultura sérvia, tais como o realizador Emir Kusturica.<sup>41</sup>

Um dos argumentos era, também, de que os académicos ocidentais negligenciam, nas suas obras, os crimes cometidos durante a Grande Guerra contra os civis sérvios, em particular as vítimas de agosto de 1914. Apesar do interesse dos *media* e dos académicos sérvios por este tópico, nenhum trabalho novo apareceu publicado sobre a crise de julho ou o assassinato de Sarajevo. Os títulos antigos eram reeditados, e muitos dos argumentos usados pela «interpretação sérvia» da crise de julho foram retirados da obra famosa de Vladimir Dedijer *The Road to Sarajevo*, publicada pela primeira vez em inglês em 1966, por ocasião do 50º Aniversário do começo da Grande Guerra.<sup>42</sup>

Uma das linhas de argumento da elite sérvia inscreve-se no redireccionamento alargado das interpretações sobre a Grande Guerra. Nomeadamente, dada a intenção de Clark e MacMillan de distribuir a culpa da guerra por todos os países envolvidos na crise de julho, opondo-se, assim, ao «paradigma de Fisher» que insistia na culpa alemã, a imprensa sérvia difundiu o medo de que a Sérvia fosse acusada. Neste sentido, foi dada enorme publicidade ao editorial publicado no britânico *Observer*, em que o *mayor* de Londres, Boris Johnson, criticou a «diluição da verdade» que ocorre nos nossos tempos. Outra declaração de Johnson fez manchete na Sérvia: «Por amor de Deus, era necessário dar seguimento a um qualquer tumulto em Sarajevo invadindo a França? Não era».<sup>43</sup> Contudo, em muitos trabalhos publicados recentemente a questão da eclosão da guerra tem merecido abordagens muito diferentes da levada a cabo por Clark. Em alguns, por exemplo, a Sérvia não se encontra no foco da questão da culpa.<sup>44</sup> Esta tendência parece opor-se aos argumentos da imprensa sérvia.

Vale a pena mencionar mais uma objeção aos académicos e jornalistas sérvios. O público sérvio tende a interpretar a história como estando estreitamente ligada à política. De facto, existe a perceção geral de que os políticos controlam a história e as suas narrativas. Embora possa ser uma perspetiva tentadora, parece improvável que universidades com séculos de tradição estejam simplesmente ao serviço dos governos.

## CONCLUSÃO

O navio cujos canhões abriram as hostilidades da Grande Guerra, o *Bodrog*, tornou-se o troféu de guerra da Sérvia em outubro de 1918. No entanto, este monitor, um dos únicos dois que foram preservados na Europa, acabou de ser salvo de acabar como sucata.<sup>45</sup> Em termos simbólicos, esta relação é um testemunho vívido da relação do estado sérvio com a sua herança da Grande Guerra. A falta de interesse sistemático pela guerra e pelas suas origens cria a possibilidade de uma abordagem elementar às

comemorações e aos debates semelhantes à mencionada neste artigo. Nestas condições, é difícil imaginar a confrontação com os seus mitos nacionais e a percepção da sua própria imagem. Nesta ciência, as revisões históricas são desejáveis, dado que olhares novos podem frequentemente fornecer novos dados e perspectivas. Contudo, estas abordagens não devem ser aplicadas a qualquer custo, pondo em risco o contexto histórico do período estudado. Como Mark Mazower se interrogou, «é possível olhar para os Balcãs com um novo olhar, com um par de olhos novo, sem a interferência dos velhos paradigmas?»<sup>46</sup> Isto também é válido para o olhar dos Balcãs sobre tudo o resto.

Por outro lado, os autores campeões de vendas de *The Sleepwalkers* e *The War That Ended Peace*, embora tenham escrito livros importantes sobre o tema, reduziram a sua complexidade ao tomar posições claras e firmes sobre a história dos Balcãs. Uma vez que as comemorações da Grande Guerra durarão por mais quatro anos, veremos ainda qual será a atmosfera que envolverá os Balcãs e as suas memórias da Primeira Guerra Mundial. A proximidade inesperada das guerras dos noventa, com os disparos de Gavrilo Princip, levanta questões relacionadas com o papel potencial da história e a sua influência sobre os decisores políticos, numa altura em que, devido ao centenário, um interesse mais alargado por parte do público tem acompanhado o mister do historiador. **RL**

Data de receção: 29 de abril de 2014 | Data de aprovação: 29 de maio de 2014

TRADUÇÃO: ANTÓNIO FEVEIREIRO

## NOTAS

<sup>1</sup> Para mais informações sobre a propaganda Austro-Húngara contra a Sérvia na imprensa ver: РИСТОВИЋ, Милан – *Црни Петар и балкански разбојници*, [Pedro Negro e os salteadores balcânicos], Belgrado: Digoja štampa, 2003.

<sup>2</sup> MAZOWER, Mark – *Balkan, Kratka istorija*, [Os Balcãs, Uma Breve História], Belgrado: Alexandria press, 2003, p. 26.

<sup>3</sup> HALL, Richard C. – *The Balkan Wars 1912-1913: Prelude to the First World War*, Nova York: Routledge, 2000. Para os crimes de guerra e a percepção ocidental da Guerra ver: «Report of the International Commission to Inquire into the Causes and Conduct of the Balkan Wars», Carnegie Endowment for International Peace, Washington D. C., 1914.

<sup>4</sup> ЕКМЕЧИЋ, Милорад – *Ратни циљеви Србије 1914* [Os Objetivos da Guerra da Sérvia em 1914], Просвета, Belgrado, 1990, p. 53.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> MAZOWER, Mark – *Balkan, Kratka istorija*, [Os Balcãs, Uma Breve História], p. 28.

<sup>7</sup> Стеван Павловић, *Историја Балкана: 1804-1945*, [A História dos Balcãs: 1804-1945], Belgrado: Clio, 2004, p. 487. O livro publicado por KAPLAN, Robert – *Balkan Ghosts. A Journey through History*, Nova York: Vintage Books, 1993, desempenhou um papel proeminente na unificação da opinião pública ocidental na visão de que a história dos Balcãs tinha sido dominada por ódio eterno e violência continuada. Foi repetidamente dito que este livro afetou significativamente Bill Clinton, desencorajando-o de políticas interencionistas nas fases iniciais da guerra na Bósnia. Esta posição, contudo, foi mais tarde abandonada como demasiado tendenciosa e também criticada por exemplo nas memórias de Bill Clinton. CLINTON, Bill – *My Life*, Londres: Arrow Books, 2005, p. 509; HOLBROOK, Richard – *Završiti rat [To end a war]*, Sarajevo: Šahinpašić, 1998, pp. 22-24

<sup>8</sup> BAKIĆ-HAYDEN, Milica – *Varijacije na temu "Balkan"*, [Variações sobre o tema "Os Balcãs"], Belgrado: Filip Višnjić, 2006; TODOROVA, Maria (ed.) – *Balkan Identities, Nation and Memory*, Nova York: New York University Press, 2004.

<sup>9</sup> GOLDSWORTHY, Vesna – *Inventing Ruritania: the imperialism of imagination*, New Haven: Yale University Press, 1998.

<sup>10</sup> МИТРОВИЋ, Андреј – *Србија у Првом светском рату*, [Sérvia na Grande Guerra], Belgrado: Стубови културе, 2004, pp. 65-66.

<sup>11</sup> As perdas da Sérvia na Grande Guerra foram de 37 por cento dos homens mobilizados, na Turquia de 27 por cento, na Roménia de 26 por cento e na Bulgária de 23 por cento. BUCUR, Maria – *Heroes and Victims. Remembering War in Twentieth Century Romania*, Indianapolis: Bloomington, 2010, p. 51.

- <sup>12</sup> FISCHER, Fritz – *Griff nach der Weltmacht. Die Kriegszielpolitik des kaiserlichen Deutschland 1914-1918*, Düsseldorf: Droste-Verlag, 1962.
- <sup>13</sup> STRACHAN, Hew – «Review Article. The origins of the First World War», In *International Affairs*, Vol. 90, n.º 2, 2014, pp. 429-439.
- <sup>14</sup> МЕКЕНЗИ, Дејвид – *Апис*, [Апис], Лео, Горњи Милановац, 1996, pp. 56-58.
- <sup>15</sup> CLARK, Christopher – *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*, Londres: Allen Lane, 2013, p. 40.
- <sup>16</sup> *Ibidem*, p. 86.
- <sup>17</sup> ПОПОВИЋ-ОБРАДОВИЋ, Олга – *Парламентаризам у Србији 1903-1914*, [Parliamentary Life in Serbia 1903-1914], Белград: Службени лист, 1998. Este é o livro inovador respeitante à chamada "idade dourada" da democracia sérvia (1903-1914).
- <sup>18</sup> STOJANOVIC, Dubravka – *Kaldrma i asphalt: urbanizacija i evropeizacija Beograda 1890-1914*, [Cobble and Asphalt: Urbanization and Europeanisation of Belgrade 1890-1914], Белград: Уди, 2008.
- <sup>19</sup> Олга Роровић-Обрадовић, *Парламентаризам у Србији 1903-1914; Димитрије Ђорђевић, Царински рат Аустро-Угарске и Србије: 1906-1911*, [Customs War between Austro-Hungary and Serbia: 1906-1911], Белград: САНУ, 1962.
- <sup>20</sup> МИТРОВИЋ, Андреј – *Србија у Првом светском рату*, [Србија на Grande Guerra], p. 34.
- <sup>21</sup> MacMillan, Margaret – *The War that Ended Peace, the Road to 1914*, Nova York: Random House, 2013, p. 545.
- <sup>22</sup> РАДОЈЕВИЋ, Мира – *Љубодраг Димић, Србија у Великом рату 1914-1918*, [Serbia in the Great War] СКЗ, Белград, Београдски форум, 2014.
- <sup>23</sup> TODOROVA, Maria – "Christopher Clark. The Sleepwalkers. How Europe went to War in 1914. Allen Lane, 2012", In *Times Literary Supplement*, 4 de janeiro de 2013, pp. 9-10.
- <sup>24</sup> MARKOVIĆ, Predrag; ANTIĆ, Đedomir; e ŠARENAC, Danilo – *A Step ahead of Time: 125 Years of Siemens in Serbia*, Белград: Siemens, 2012.
- <sup>25</sup> ТРГОВЧЕВИЋ, Љубинка – *Научници Србије и стварање југословенске државе 1914-1920*, [Serbian Scientists and the Creation of the Yugoslav State 1914-1920], Белград: Народна књига, 1986.
- <sup>26</sup> "Desde Srebrenica e o cerco de Sarajevo, tornou-se mais difícil pensar na Sérvia como um mero alvo ou vítima da política das grandes potências, e mais fácil conceber o nacionalismo sérvio como uma força histórica de pleno direito. Da perspectiva da União Europeia de hoje, inclinamos-nos a ver de forma mais empática – ou, pelo menos, menos depreciativa – do que costumávamos fazer a manta de retalhos imperial desaparecida da Áustria-Hungria dos Habsburgos». CLARK, Christopher – *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*, p. 19.
- <sup>27</sup> *Ibidem*, 19.
- <sup>28</sup> MacMillan, Margaret – *The War that Ended Peace, the Road to 1914*, p. 547.
- <sup>29</sup> ПАЛАВЕСТРА, Предраг – *Књижевност Младе Босне*, [The Literature of Young Bosnia], Институт за књижевност и уметност, Белград, 1994.
- <sup>30</sup> MACMILLAN, Margaret – *The War that Ended Peace, the Road to 1914*, p. 546.
- <sup>31</sup> *Ibidem*.
- <sup>32</sup> *Ibidem*.
- <sup>33</sup> *Ibidem*.
- <sup>34</sup> CLARK, Christopher – *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*, p. 56.
- <sup>35</sup> MACMILLAN, Margaret – *The War that Ended Peace, the Road to 1914*, p. 545.
- <sup>36</sup> ЕКМЕЧИЋ, Милорад – *Ратни циљеви Србије 1914* [Serbia's War Aims in 1914], p. 80. Veja também: MITROVIĆ, Andrej – *Serbia's Great War*, Londres: Hurst & Co Publishers, 2007.
- <sup>37</sup> «Nationalist copyright on the World War One», In *Florian Bieber*, 17 de janeiro de 2014, [Consultado a: 24 maio de 2014]. Disponível em: <http://fbieber.wordpress.com/2014/01/17/nationalist-copyright-on-world-war-one/>,
- <sup>38</sup> «Др Милош Ковић / историчар/ - Преного нас униште, прогласиће нас канибалима», [21 de fevereiro de 2014]. Consultado a: 25 maio de 2014. Disponível em: <http://www.pecat.co.rs/2014/02/dr-milos-kovic-istoricar-pre-nego-nas-uniste-proglasice-nas-kanibalima/>
- <sup>39</sup> Esta perspectiva foi expressa durante o debate que teve lugar no Burgtheater em Viena, sob o título: «Debating Europe – How does the year 1914 affects us today?». [Consultado a: 25 de maio de 2014]. Disponível em: <http://www.erstestiftung.org/blog/debating-europe1914/>
- <sup>40</sup> *Ibidem*.
- <sup>41</sup> "Tomanović: Revizija suđenja Principu odgovor na reviziju istorije". [Consultado a: 25 de maio de 2014]. Disponível em: <http://www.politika.rs/rubrike/Drustvo/Tomanovic-Revizija-sudjenja-Principu-odgovor-na-reviziju-istorije.lt.html>,
- <sup>42</sup> DEDIJER, Vladimir – *The Road to Sarajevo*, Nova York: Simon and Schuster, 1966.
- <sup>43</sup> JOHNSON, Boris – «Germany started the Great War, but the Left can't bear to say so», In *The Daily Telegraph*, 6 de janeiro de 2014. [Consultado a: 24 de maio de 2014]. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/politics/10552336/Germany-started-the-Great-War-but-the-Left-cant-bear-to-say-so.html>
- <sup>44</sup> RAUCHENSTEINER, Manfred – *Der Erste Weltkrieg und das Ende der Habsburger-Monarchie*, Wien 2013; HASTINGS, Max – *Catastrophe. Europe Goes to War 1914*, Londres: Harper Collins, 2013.
- <sup>45</sup> «El buque que abrió el fuego de la Gran Guerra, testigo ruinoso del siglo XX», 13 de abril de 2014. [Consultado a: 1 de maio de 2014]. Disponível em: <http://www.efe.com/efe/noticias/espana/cultura/buque-que-abrio-fuego-gran-guerra-testigo-ruinoso-del-siglo/1/7/2292949>
- <sup>46</sup> MAZOWER, Mark – *Balkan, Kratka istorija*, [Os Balcãs, Uma Breve História], p. 29.